

Um Crime Capital

Francisco José Viegas

I still can't believe this book is in a bookstore. I love bookstores. A bookstore is one of the only places of physical evidence we have that people are still thinking. And I like the way it breaks down into fiction and nonfiction. In other words, these people are lying, and these people are telling the truth. That's the way the world should be.

«Hi, I'm Jerry Seinfeld. I'm fiction.»

«I know.»

«How did you know?»

«Because I'm nonfiction.»

Jerry Seinfeld, *SeinLanguage*, 1993

VISTA DE LONGE, E MESMO DE NOITE, do alto do céu, a luz do jardim assemelhava-se a um lençol de água, espalhando-se no meio das árvores cuidadosamente alinhadas. Mas o inspetor Jaime Ramos não sabia voar como os pássaros da Foz, levantando com suavidade até deixar para trás o ondular cinzento do mar, seguido depois pelas avenidas traçadas com o rigor de uma época antiga, até pousar neste jardim. Muito pelo contrário, o inspetor Jaime Ramos divulgara durante anos, nos corredores e nas salas em redor do velho gabinete que abandonara com tristeza, desde que a polícia mudara de instalações, uma versão muito contraditória sobre o seu ódio aos pássaros.

Para todos os efeitos, o inspetor não gostava de pássaros, nem mesmo daqueles que desciam das duas torres recentes, semelhantes a chaminés, instaladas no jardim como um testemunho da grandeza da arte e, mais ainda, como um parapeito que os pássaros usavam para se reequilibrarem antes de uma descida — vertiginosa, dizem os livros — sobre os canteiros que rodeavam o pequeno anfiteatro.

O concerto fora, no fundo, um imprevisto — e Jaime Ramos também não gostava de imprevistos, tal como não gostava de

ser acordado ao princípio da noite, quando os sonhos começavam a preparar-se para despertar em alguma parte desconhecida do seu sono. O agente Isaltino de Jesus elaborara, mentalmente, uma lista de quase tudo aquilo de que Jaime Ramos não gostava porque tinha acompanhado o inspetor durante os últimos dez anos e, de facto, tinha assistido a dez anos de protestos surdos, de resmungos e de insónias. Com a idade, dizia Jaime Ramos, é preciso aproveitar as noites (e mesmo a luz velada de um dia de primavera como este) em que o sono se aproxima como uma nuvem a encostar-se à cabeça, preenchendo o silêncio do quarto como uma ameaça e um desafio. Mas ele — Isaltino também sabia — dormia pouco; as noites pareciam-lhe interrupções cada vez mais desnecessárias; a passagem dos carros, ao longe, era uma intromissão a que não se habituara; e a madrugada surpreendia-o magoado por ter de dormir sozinho, porque Rosa não gostava dos ruídos da cama e acabava por ir-se embora, subindo as escadas de dois em dois degraus, até bater com a porta do apartamento com a ira habitual, mostrando que havia limites para a excentricidade.

Mas, embora a cama do apartamento de Jaime Ramos fosse ruidosa e velha, e até inadequada para os encontros entre os dois vizinhos, o do primeiro esquerdo e o do segundo esquerdo, ele não era propriamente excêntrico e só uma preguiça de velho — dizia — podia explicar o facto de a cama ainda não ter sido trocada. Nessas alturas, quando Rosa saía do quarto e regressava a sua casa, fosse qual fosse a razão, Jaime Ramos fingia estar a dormir e ela acreditava na profundidade daquele sono que tinha chegado de repente e o deixava prostrado e inerte. Mas não, Jaime Ramos levantava-se também e acabava por se

sentar no velho sofá junto da varanda, olhando o pátio, identificando os ruídos da noite, ou apenas chamando um novo sono que chegasse com a tranquilidade das coisas que tinham de chegar para dar uma ordem ao mundo e um sentido à casa onde vivia.

Seja como for, a luz do jardim assemelhava-se a um lençol de água espreado-se no meio das árvores — e essa foi a imagem que o inspetor reteve quando, à uma e meia da manhã, atravessou a alameda que limitava o anfiteatro e acabava por cercá-lo, não como um muro, mas como uma clareira. Os homens que estavam sentados à entrada do anfiteatro sabiam que Jaime Ramos nunca tinha pressa nestes casos e, portanto, não se levantaram logo: viram-no, primeiro, ao alto das escadas, acender o pequeno charuto e guardar a caixa de fósforos num dos bolsos do blusão; depois, puderam ver o modo como semicerrou os olhos antes de se decidir a descer até eles, como se tivesse descoberto que o aguardavam há uma ou há mais de duas horas; finalmente, foi o próprio Isaltino de Jesus que deu alguns passos em frente e designou, com o braço estendido, um lugar iluminado a meio do anfiteatro. Jaime Ramos já tinha visto, mas reagiu como se só agora tivesse descoberto a razão do telefonema que lhe pedia que viesse até ali.

«Está sempre a acontecer», disse finalmente. «Uma noite em que um tipo está a dormir como se deve dormir. E é isto.»

Isaltino sabia que essa seria uma das frases possíveis e aceitou a sua parte do destino: ouvi-lo e desculpá-lo sempre que possível. Mas obrigá-lo a trabalhar, também, porque essa era uma das cláusulas imaginárias daquele contrato invisível que os dois tinham assinado com um olhar apenas, há muitos anos.

«Como é que foi?»

«Ninguém sabe, chefe. Foi como lhe contei ao telefone. Acabou o concerto e ficaram estes dois, sentados, de mãos dadas. Parecia que estavam a olhar em frente, ninguém ligou. O rapaz aí da Fundação é que ia chamá-los e reparou que tinha acontecido alguma coisa.»

«Que coisa?»

«Morreram, chefe. Estavam mortos.»

«Está sempre a acontecer», repetiu então Jaime Ramos, voltando-se para o pequeno palco, abandonado no centro do anfiteatro. «Quem estava com eles?»

«Ninguém, à primeira vista. Quer dizer, vieram sozinhos.»

Mais tarde, dias e dias mais tarde, Jaime Ramos iria reconstituir essa sequência admirável de um concerto que termina com uma explosão de aplausos depois de duas peças de Ernest Bloch e da Suite Holberg, de Grieg. O maestro agradece com aquele ademane simultaneamente teatral e espontâneo, o público aplaude.

Uma fila, lá na frente, levanta-se. Outras seguem-lhe o exemplo. Sobreviveram, sob a ramagem das árvores de Serralves, os acordes derradeiros da Suite Holberg; as árvores de Serralves imitam os bosques de Bergen, na Noruega, sob os quais Grieg começou a compor a peça; há um murmúrio a crescer, os primeiros espectadores começam por pegar nos casacos e por tentar abrir caminho pelas filas de outros espectadores que já se cansaram de aplaudir, mesmo aquele *encore* preenchido pela música de Samuel Barber, o seu monumental adágio para cordas, prolongado e mortífero como uma lâmina incandescente. Daí a dez minutos, sensivelmente, todas as cadeiras estão vazias,

exceto aquelas duas, ali em cima: estão ocupadas por um casal, de mãos dadas, vestidos como um homem e uma mulher se vestem para um concerto imprevisto, quase extraordinário, fora do programa geral de concertos programados com minúcia e antecedência. Jaime Ramos iria reconstituir, sim, aqueles momentos finais do concerto até chegar à imagem derradeira que fixava a luz do jardim, semelhante a um lençol de água.

«Podem levá-los?», perguntou então Isaltino de Jesus, aproximando-se do inspetor, que se sentara duas filas à frente dos corpos entretanto tapados pelo pano branco.

«Envenenados», murmurou Jaime Ramos, como se a informação o irritasse. «Não teria sido suicídio? Um suicídio apenas, simples e com um final de glória, próprio para um casal se despedir, a meio de um concerto?»

O agente Isaltino de Jesus compreendeu a sugestão e a tentativa de explicação, mas abanou a cabeça, contrariado:

«Vinha a calhar, mas há coisas... chefe. É um casal, sim, mas digamos que não é um casal normal. Porque são casados, sim, mas cada um deles com outra pessoa. Estão ali atrás, marido e mulher desta mulher e deste homem. Se me faço entender. Ambos tinham dito em casa que iam a outro sítio e não a este concerto. E há aquele pormenor, digamos, um pormenor fatal. Por debaixo do vestido, a senhora não tem nada. E quando digo nada, não é um exagero. A roupa interior da senhora desapareceu do lugar em que devia estar.»

Jaime Ramos voltou-se, aspirou por instantes o fumo do *Beldina* aceso há pouco e simulou um sorriso tão deslocado naquele lugar como o quadro macabro do casal tapado por um lençol branco.

JAIME RAMOS ENCOSTOU-SE AO CARRO e só então, apontando com o dedo na direção de Isaltino, parecia ter tomado uma decisão:

«Não acredito. É um suicídio.»

«Talvez, chefe. É bastante possível, mas havia outros lugares para um casalinho se suicidar. Olhe a Afurada, a praia do Molhe, a ponte do Freixo, o Castelo do Queijo.»

«A ponte do Freixo não, Isaltino. Um suicídio a sério precisa de cenário, de ambiente, de um certo ar romântico. Ninguém vai suicidar-se na ponte do Freixo. Daqui a uns anos, não digo que não, mas por enquanto aquilo é muito betão. Um suicídio no Porto precisa de um bocadinho de história, de sombras, de folhas mortas e até de gente à volta.»

«Sim, mas um concerto destes, com tanta gente, não me parece.»

«É um espetáculo, Isaltino, faz parte do espetáculo. A música favorece as depressões, as decisões precipitadas, os heroísmos e a morte.»

Isaltino de Jesus estava habituado. Ao fim de dez ou mais anos de trabalho com Jaime Ramos, Isaltino descontava muitas das frases do inspetor, a quem atribuía um cansaço quase permanente, o que se confundia muitas vezes com a vontade de despachar os assuntos, de passar por cima deles ou de, pura e simplesmente, os ignorar, como se estivesse cansado das coisas ao primeiro minuto. E sabia que Jaime Ramos poucas vezes falava a sério quando era cínico ou apenas irónico.

Mas só mais tarde, muito mais tarde para seus hábitos (era madrugador e gostava de chegar cedo e de ficar sozinho na sua

sala, rodeado dos papéis inúteis e dos telefones silenciosos), só ao fim da manhã, é que Jaime Ramos recebeu aquele telefonema. Reconheceu a voz e não estranhou nem a hora nem a circunstância, estendendo os pés e puxando para si o caderno de folhas amareladas em que escrevia as suas notas.

«Era preciso vir a Porto dois mil e um, inspetor, para termos uma coisa destas. Uma novidade assim, merece que venha até aqui. Antes de almoço ainda, se puder.»

«A que horas é que me dá o relatório?»

«Só à tarde. Compreende que a idade já não ajuda, escrever é cada vez mais difícil.»

O outro sorriu, do lado de lá do telefonema, do lado de lá da cidade e do fim da manhã — e Jaime Ramos conhecia bem aquele gabinete com luz fluorescente, de madeiras velhas e escuras, que visitava apenas em momentos excecionais.

Conhecia também os corredores daquela casa, os armários frigoríficos de inox, as mesas de inox, a luz branca, as balanças ao pé das mesas, os blocos de notas guardados em estantes, os instrumentos, bisturis, pequenas serras, tesouras, frascos de líquidos misteriosos, nomes estranhos que tentava esquecer no minuto seguinte, odores ácidos e cheiros perturbantes, fotografias de rostos paralisados pela morte e pelo abandono, as cadeiras de fórmica e de madeira, as lâmpadas velhas e até o aspeto das luvas dos médicos. E conhecia também aquela impressão de despedida, de derradeira despedida, muito mais intensa do que o momento em que um morto desce à terra, ao centro da terra, levando consigo segredos, verdades, suspeitas, medos, desejos, fogos antigos, pupilas que nunca mais serão feridas pela luz da manhã — porque aqueles instantes são os

derradeiros momentos em que um morto tem, digamos, vida própria, existência. A partir daí, a morte é apenas o silêncio devastado pela escuridão, e um corpo é apenas um resto, uma inutilidade.

Jaime Ramos ia lá, sim, de vez em quando, para se certificar de que uma morte tinha acontecido, para saber como uma morte se podia mascarar de acontecimentos como o estrondo de uma biografia que se revela tarde de mais e, nessas alturas, para se proteger, pensava noutras coisas: no ruído do estádio, nas buzinas dos carros, nos prédios antigos que desmoronam a meio de uma tempestade, nas varandas do Passeio Alegre, nos amieiros que limitavam os caminhos das velhas estradas da sua aldeia. Pensava sempre noutra coisa, porque era a única maneira de resistir.

«Eu não quero um romance. Só um relatório», insistiu finalmente.

«Se fosse um romance, não me atrapalhava tanto», disse o outro. «Só que o romance tem de ficar para depois, o senhor compreende, há dados que ainda não estão apurados, nomes que preciso de confirmar, essa trapalhada. Um relatório é um relatório e, com tanta concorrência que há por aí, miúdos das faculdades, nós, os mais velhos temos de nos concentrar. Um passo em falso é a morte do artista, se me faço compreender.»

«E os dados essenciais, doutor?»

«Por ser para si, falamos pelo telefone. Bom, o veneno existe mesmo, não é difícil de encontrar, trata-se de uma coisa que conhecemos do Brasil. Amazónia, talvez, as grandes florestas, um veneno grandioso e que deixa as pessoas com ar tranquilo. Atua em duas horas de forma gradual. Depois

dou-lhe os nomes, os pormenores, as coisas técnicas. Ambos o tomaram numa bebida, provavelmente, porque são esses os sinais. E, duas horas depois, uma espécie de sono, de grande sono. *O Grande Sono*, se me permite. Literatura, é um vício. *The Big Sleep*. Viu o filme, ao menos?»

«Raramente saio de casa, doutor.»

«O filme já é mais velho que eu. Ou quase.»

«Eu sou o Matusalém. E a falta de cuequinhas na senhora?»

«Os pormenores de que gosta, inspetor, não é? De facto, não tinha roupa interior. Cuequinhas, como diz.»

«Estavam no bolso do casaco do homem.»

«Um excelente indício, podíamos pensar. Mas não, não houve sexo, não houve, digamos, e isto é relatório preliminar, sexo nas horas que antecederam o óbito. Outros contactos, sim, mas sexo propriamente dito, não. De outro modo não se explicavam as cuequinhas fora do sítio. Um excelente aspeto, as cuequinhas, aliás. Enfim, vidas.»

«Eles tomaram o veneno quanto tempo antes?»

«Duas horas, inspetor, aproximadamente. Bom, entre duas e quatro, e isto não há certezas. Mas há uma coisa que o pode ajudar, não sei se já pensou nisso, e não é assunto da minha competência, mas enfim. É que não me parece que seja suicídio. Um suicida não se arranja assim. Dois suicidas muito menos. Se me faça entender. Banho recente, perfume recente, preservativos no bolso das calças do cavalheiro, enfim, isto é o que me parece.»

Jaime Ramos já sabia isso desde a noite anterior, talvez desde o primeiro olhar aos dois corpos abandonados naquele anfiteatro de Serralves. Soube isso desde o primeiro degrau na

direção daquele casal protegido da humidade da noite pelo lençol branco que os homens da ambulância trouxeram com eles. Sabia isso porque ninguém se prepara para um suicídio guardando uma peça de lingerie no bolso do casaco, ou preenchendo a charuteira com três charutos, Partagas de Partagas, Jaime Ramos fumava-os de vez em quando, mas apenas quando vinha o fim do mês e ainda tinha dinheiro para extravagâncias.

E sabia também que nenhum suicida arruma cuidadosamente o carro antes de se suicidar. A menos que seja um homem muito meticoloso, mas esse não parecia ser o caso de António Júlio dos Reis Lopes, advogado, 48 anos. Muito menos seria o de Magda Gomes da Luz, decoradora, 42 anos. O único registo policial do advogado portuense dizia respeito a multas de trânsito, estacionamento e excesso de velocidade.

O único sinal de suicídio seria, talvez, o facto de ambos irem, um com o outro e à luz dos holofotes de Serralves, a um concerto onde seria notado que estavam um com o outro. E o facto de estarem um com o outro, isso sim, era uma atitude suicida para quem é tão bem casado e tantas vezes aparece nas fotografias das melhores revistas de sociedade. Mas Jaime Ramos estava habituado a estes riscos, gestos de uma ousadia surpreendente. Quase todos vinham parar às suas mãos, de uma maneira ou de outra, mais cedo ou mais tarde.

JAIME RAMOS TOMOU COM A PONTA DOS DEDOS as cuequinhas que tinha retirado do pequeno saco de plástico transparente e deixou que caíssem sobre o tampo da secretária.

«Que modelo é este, Isaltino?»